

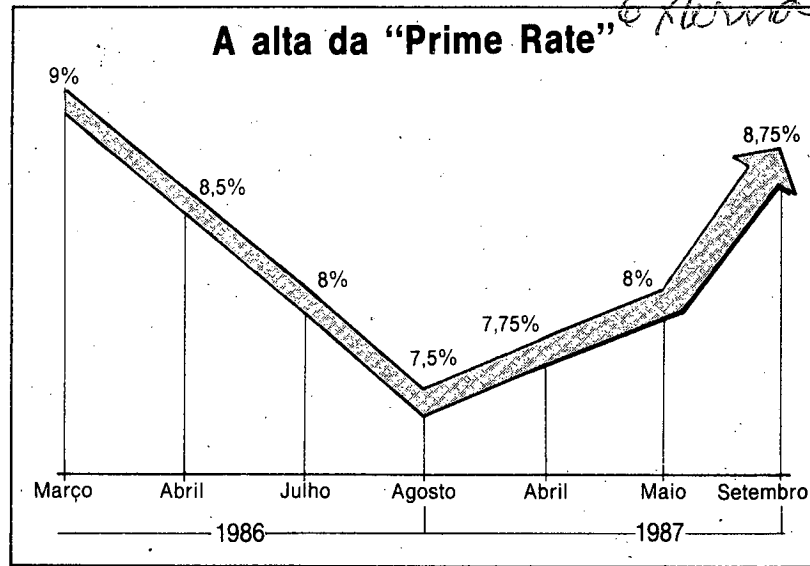
'Prime rate' sobe 0,5% e onera dívida do Brasil

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — A dívida externa brasileira deve ficar onerada em cerca de US\$ 380 milhões, depois que os bancos privados dos Estados Unidos decidiram ontem elevar a taxa de juros (**prime rate**) em meio por cento. Essa seria uma consequência indireta da decisão dos bancos, uma vez que é a **libor** (taxa de juros londrina) que rege o serviço da dívida externa brasileira. De qualquer modo, quase sempre uma decisão dos bancos americanos é seguida pela City londrina.

A medida dos bancos dos EUA foi uma reação imediata dos banqueiros ao aumento, também de meio ponto, decretado pelo Federal Reserve Board — o Banco Central americano — na taxa de redesconto que cobra desses bancos, ou seja, dos juros que eles devem pagar quando tomam dinheiro emprestado do sistema financeiro oficial.

Esta foi a primeira vez, nos últimos três anos, que o "Fed" — como dizem os americanos — decidiu elevar a sua taxa. A decisão marcou a estreia oficial do novo Presidente da entidade, Alan Greenspan (assumiu em agosto), que justificou a iniciativa como um sinal de que pretende enfrentar a inflação com firmeza.



Depois de ter chegado ao invejável índice de 1,1 por cento durante 1986, a inflação este ano — segundo cálculos oficiais — chegaria a cinco por cento até dezembro.

"O aumento reflete a intenção da Federal Reserve de lidar efetivamente e em época oportuna com as potenciais pressões inflacionárias", dizia o curto comunicado distribuído ontem pelo Banco Central americano. O anúncio teve o apoio da Casa Branca que, anteriormente, se colo-

cava numa posição crítica quando o antigo Presidente do Fed, Paul Volcker, tomava atitudes idênticas. Isso se explica pelo fato de o Banco Central, nos Estados Unidos, ser um órgão independente, com autonomia própria.

— O Governo Federal dá seu aval à ação do Federal Reserve — disse um porta-voz do Departamento do Tesouro, ao divulgar oficialmente a posição da administração Ronald Reagan.

A taxa de redesconto passou de 5,5 para seis por cento especialmente devido à queda do dólar, que na quinta-feira chegou ao seu nível mais baixo — dos últimos três meses — em relação ao marco alemão, num momento em que a economia americana se mostra fortalecida. Com uma taxa de desemprego de apenas 5,9 por cento e um significativo aumento na produção industrial — no setor de artigos duráveis — um leve aumento nos juros servirá, segundo os economistas americanos, para estabilizar o dólar.

Imediatamente após o Fed ter anunciado o aumento, dois dos maiores credores do Brasil — o Chase Manhattan e o Chemical Bank, de Nova Iorque — revelaram que haviam acabado de alterar a taxa de juros que vinham cobrando, de 8,25 para 8,75 por cento. A partir daí, houve uma reação em cadeia: Citibank, Manufacturers Hannover, Morgan Guaranty e Bankers Trust endossaram a iniciativa, que no final da tarde seria adotada pela totalidade dos bancos privados do país.

A iniciativa afetará o mercado interno, encarecendo o financiamento de imóveis, automóveis e demais artigos. Ao mesmo tempo, atingirá os países que emprestaram dinheiro dos bancos dos Estados Unidos. O aumento incidirá tanto no débito de longo quanto no de curto prazo.